

## Prefácio à edição de 1977

Escrevi este livro há mais de treze anos. Não foram anos bons. Basta acompanhar os relatórios da Anistia Internacional para perceber que esse período rivaliza em horrores com as piores épocas de uma história tão real quanto irracional. Às vezes tem-se a impressão de que Hitler triunfou postumamente. Invasões, agressões, tortura, em suma, destruição do ser humano em sua essência. São muitos os sinais. A Checoslováquia em 1968, o Chile, a evacuação forçada de Phnom-Penh, as clínicas psiquiátricas na União Soviética, os esquadrões da morte no Brasil e na Argentina, o desmascaramento das entidades estatais do Terceiro Mundo que se dizem “socialistas”, como Etiópia e Uganda. Então, qual o sentido da minha tentativa de refletir sobre a *conditio inhumana* das vítimas do Terceiro Reich? Já não é um assunto superado? Este texto não mereceria uma nova elaboração?

No entanto, ao reler o que escrevi, descubro que reescrevê-lo seria um engodo, um tributo jornalístico à atualidade, pois não estou disposto a eliminar nada dele nem tenho nada de substancial a lhe acrescentar. Sem qualquer dúvida: todas as monstruosidades vividas não anulam o fato que para mim permanece obscuro, apesar dos estudos psicológicos, sociológicos e políticos que já apareceram e ainda aparecerão: como, no seio do povo alemão, um povo de grande inteligência, de produtividade industrial e riqueza cultural únicas, um povo de “poetas e pensadores”, ocorreu aquilo de que trato em meus textos.

Todas as tentativas de explicação, em grande parte monocausais, fracassam ridiculamente. É absurdo dizer que aquilo que pode ser resumido simbolicamente sob os nomes de Auschwitz e Treblinka já se encontrava presente na história espiritual alemã desde Lutero, passando por Kleist até a “revolução conservadora”, chegando finalmente a Heidegger — ou seja,

discorrer sobre um “caráter nacional alemão”. Para compreender esses fatos, ajuda menos ainda dizer que o fascismo foi a forma mais extrema de um “capitalismo tardio”. Não passam de argumentos pueris o Tratado de Versalhes, a crise econômica e a miséria, que teriam conduzido o povo ao nazismo. O desemprego também esteve presente em outros países após a crise de 1929, entre eles os Estados Unidos, e nem por isso produziu-se ali um Hitler, e sim um Franklin Roosevelt. A França sofreu sua “paz ignóbil” após a batalha de Sedan e também ali houve ideólogos chauvinistas, como Charles Maurras, mas destacaram-se aqueles que souberam defender o patrimônio republicano no caso Dreyfuss contra o poder concentrado da casta militar. Nenhum Quisling, nenhum Mussert, nenhum Degrelle, nenhum Sir Oswald Mosley<sup>1</sup> galgou o poder apoiado em seu povo. Um povo que, do reitor de uma universidade renomada até o pobre-diabo de um bairro miserável de uma grande cidade, não só aprovava, mas exultava. Sim, o povo alemão exultava quando finalmente aconteceu a “Jornada de Postdam”;<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Líderes fascistas e colaboradores do nazismo: Vidkun Quisling, norueguês, apoiou a invasão alemã, assumiu o governo do país em várias ocasiões e colaborou com o governo nazista, inclusive na deportação de judeus; após a guerra, foi julgado e condenado à morte por traição. Anton Mussert, líder fascista holandês, colaborou ativamente com a ocupação nazista; foi fuzilado por alta traição logo após o fim da guerra. León Degrelle, líder fascista belga, combateu ao lado das forças armadas alemãs durante a Segunda Guerra Mundial. Com a derrota alemã, fugiu para a Espanha de Franco, escapando da condenação à morte decretada na Bélgica. Oswald Mosley, principal líder fascista inglês, permaneceu na prisão desde 1940, tendo fracassado em retomar a vida política após o fim da guerra; morreu em Paris. [N.T.]

<sup>2</sup> A “Jornada de Postdam”, ocorrida em 5 de março de 1933 na vizinha cidade de Berlim, antiga residência dos imperadores alemães, teve como pretexto a posse dos novos deputados eleitos, mas efetivamente tratou de festejar a subida de Hitler ao poder como primeiro-ministro. Houve uma missa, um culto protestante, um desfile e uma cerimônia em que Hitler prestou homenagem a Hindenburg, presidente do país e herói da Primeira Guerra Mundial. Foi a primeira das grandes encenações políticas de Goebbels, transmitida

independentemente dos resultados da eleição que a precedera. Eu estava lá. Não me venha nenhum jovem cientista político contar histórias estranhas, que soam bobas para todos os que foram testemunhas oculares.

A historiografia só vê aspectos particulares e, no meio de tantas árvores, não vê o bosque, o bosque alemão do Terceiro Reich. O próprio conceito de história perde sentido. Isso me faz lembrar uma frase de Claude Lévi-Strauss em *O pensamento selvagem*: todos os acontecimentos históricos acabam por se desfazer em uma cadeia de processos físicos, de modo que o termo história não tem objeto próprio.

Já que, de um lado, não há nada que explique a irrupção do mal radical na Alemanha e, de outro, a lógica interna e a mal-dita racionalidade desse mal permanecem únicas e irredutíveis — apesar do Chile, do Brasil, apesar da brutal evacuação forçada de Phnom-Penh, apesar do assassinato de cerca de um milhão de “comunistas” indonésios depois da queda de Sukarno, apesar dos crimes de Stalin e dos coronéis gregos —, seguimos diante de um obscuro enigma. Sabemos que aqueles fatos não aconteceram em um país em desenvolvimento, nem foram a consequência direta de um regime tirânico como o da União Soviética, nem ocorreram durante uma luta sangüinária para manter uma revolução ameaçada, como na França de Robespierre. Aconteceram na Alemanha. Nasceram como que por geração espontânea, fruto antinatural de um útero que os deu à luz. Todas as tentativas de explicações econômicas, todas as teses baseadas em causalidades únicas, como a de que o capital industrial alemão financiou Hitler porque temia perder privilégios, não significam nada para a testemunha ocular. O mesmo

---

pelo rádio a todo o país. Embora tenha sido o partido mais votado naquelas eleições (marcadas por enormes irregularidades), o Partido Nazista não havia obtido a maioria absoluta necessária para assumir isoladamente o poder. Hitler só se tornou primeiro-ministro graças a uma coalizão com os partidos de direita. [N.T.]

ocorre com as especulações sofisticadas sobre a dialética do Esclarecimento.<sup>3</sup>

Naquela época, há treze anos, não pretendi tentar explicar esses fatos. Assim como hoje, só posso apresentar meu testemunho. Aliás, antes, como agora, meu assunto não foi o Terceiro Reich. O que me interessa, e sobre o que estou qualificado para falar, são as vítimas desse Reich. Não pretendo erigir-lhes um monumento, pois ser vítima não constitui em si uma honraria. Pretendi apenas descrever a sua condição, aliás inalterável. Por isso mantive o texto tal como foi publicado pela primeira vez em 1966. Só fiz um pequeno acréscimo no capítulo “Sobre a obrigação e a impossibilidade de ser judeu”, pois as circunstâncias atuais o exigem.

Na época em que escrevi e concluí esse texto não havia antissemitismo na Alemanha, ou melhor, ele não ousava se manifestar. A questão judaica escondia-se sob um manto de silêncio ou se refugiava em um filossemitismo invasivo, constrangedor para as vítimas honestas. Para as menos honestas, cuja existência não devemos esconder, constituía uma boa oportunidade para obter benefícios junto aos alemães de consciência culpada. Essa página foi virada. Um novo e, ao mesmo tempo, velho antissemitismo ergue atrevidamente a cabeça ignóbil sem que provoque indignação — isso é verdade não só para a Alemanha, mas para a maioria dos países europeus, com poucas exceções, entre elas a digna Holanda, cujo exemplo devo mencionar explicitamente. As vítimas morrem, e é bom que assim seja, pois há muito tempo tornaram-se redundantes. Felizmente, também desaparecem os carrascos, atingidos pela lei da morte biológica. Mas em ambos os lados continuam a nascer novas gerações. Entre uma e outra, todas marcadas pela origem e pelo ambien-

---

<sup>3</sup> Referência ao livro *Dialektik der Aufklärung*, de Theodor Adorno e Max Horkheimer. Ed. bras.: *Dialética do Esclarecimento*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985. [N.T.]

te, volta a se abrir o velho abismo intransponível. Um belo dia o *tempo* o fechará. Mas o processo de maturação temporal não deveria ser acelerado por uma reconciliação leviana, irrefletida, fundamentalmente falsa. Ao contrário: como se trata de um abismo *moral*, ele permanece aberto; também este é o sentido da reedição do meu texto.

Preocupa-me que a juventude alemã — essa juventude estudiosa, essencialmente generosa e ansiosa de utopia, ou seja, a juventude de *esquerda* — acabe inadvertidamente caindo nos braços daqueles que são seus inimigos, tanto quanto meus. Esses jovens usam a palavra “fascismo” a torto e a direito. Não percebem que, com isso, estampam rótulos ideológicos pouco claros em uma realidade e que essa realidade, a da República Federal Alemã, embora necessitando de aprimoramentos urgentes, pois abriga tantas injustiças escandalosas — como é o caso da legislação chamada de “Radikalerlass”<sup>4</sup> —, não é fascista.

A República Federal Alemã está seriamente ameaçada, como forma de governo baseada em princípios liberais, assim como qualquer outra democracia: este é o seu risco, o seu perigo e também o seu mérito. Aqueles que assistiram ao ocaso das liberdades na Alemanha sabem como precisamos estar vigilantes. Mas os cronistas da época também sabem que a vigilância não deve se transformar em um estado paranoico, que em última análise serve somente às mãos carniceiras que pretendem estrangular as liberdades democráticas. Porém, quando a juventude da Alemanha, a juventude democrática de esquerda, chega

---

<sup>4</sup> *Radikalerlass*: decreto sobre radicais. Promulgado em 1972, ele permitia expulsar do funcionalismo público ou recusar a contratação de pessoas cujas ideias políticas e atitudes fossem consideradas radicais e contrárias à Constituição alemã. Simpatizantes de nazistas como também membros ou simpatizantes do Partido Comunista ou de outros grupos de esquerda foram atingidos por esse decreto, sendo impedidos de ocupar quaisquer cargos no funcionalismo público, desde os de professor e médico até aqueles que exigiam menos qualificações, como maquinista, porteiro ou carteiro. [N.T.]

ao ponto de considerar não só o seu próprio Estado como semi-fascista, mas, sem quaisquer distinções, classifica como fascistas, imperialistas e colonizadores todos os regimes que ela chama de democracias “formais” — entre esses, sobretudo o pequeno Estado de Israel, exposto a uma situação tão perigosa — e os trata como tais, então todos os contemporâneos do horror nazista têm o dever de intervir, qualquer que possa ser o resultado dessa intervenção. Como fui e continuo sendo vítima política e judia dos nazistas, não posso me calar quando o velho e miserável antissemitismo ousa se erguer novamente por trás da bandeira do antissionismo. A impossibilidade de ser judeu transmuta-se na imposição de sê-lo. De ser um tipo de judeu que protesta com veemência. Assim, de um modo bem estranho, este livro é ao mesmo tempo extemporâneo e extremamente atual, não somente um testemunho do que foram o *verdadeiro fascismo* e o singular fenômeno do nazismo, mas também um apelo à reflexão da juventude alemã. O antissemitismo tem raízes profundas na psicologia coletiva. Provavelmente se baseia, em última análise, em sentimentos e ressentimentos religiosos recalcados. A qualquer hora pode ser atualizado. Foi grande o meu horror, embora não tenha me surpreendido, quando soube que em um comício a favor dos palestinos, em uma grande cidade alemã, não só se condenou o “sionismo” como praga universal (qualquer que seja o significado que se dê a esse conceito político), mas os exaltados jovens antifascistas teriam gritado a plenos pulmões: “Morte ao povo judeu!”

Isso não é novidade para nós. Vimos como a palavra se fez carne e como, feita carne, transformou-se finalmente em montanhas de cadáveres. Aqui novamente se brinca com fogo, o mesmo fogo que cavou uma cova para tantos no ar.<sup>5</sup> Faça soar

---

<sup>5</sup> Menção ao poema “Fuga da morte”, de Paul Celan, cujo verso “cavamos uma cova nos ares” remete à fumaça que escapava dos fornos crematórios nos campos de extermínio nazistas. [N.T.]

o alarme. Jamais poderia tê-lo imaginado ao lançar a primeira edição deste livro em 1966, quando enfrentava somente aqueles que são meus inimigos naturais: os nazistas, velhos e novos, os irracionais e os fascistas, a ralé reacionária que conduziu o mundo à morte em 1939. O fato de que hoje tenha que enfrentar meus amigos naturais, moças e rapazes da esquerda, é mais do que o que uma estressada “dialética” pode suportar. É uma daquelas farsas de mau gosto da história universal, que nos fazem duvidar, e em última instância desesperar, do sentido dos acontecimentos históricos. Os estúpidos do inesgotável campo da reação transformam Speer<sup>6</sup> em um escritor *best-seller*, e os jovens entusiastas desconsideram toda a herança das Luzes que estaria à sua disposição, desde os enciclopedistas franceses, passando pelos teóricos ingleses da economia até os intelectuais da esquerda alemã do entreguerras.

O Esclarecimento. Eis a nossa questão. Há mais de dez anos, as reflexões que estão aqui estavam, e espero que continuem, a serviço de um Esclarecimento que poderia ser qualificado de burguês, mas também de socialista. Do ponto de vista metodológico, é evidente que esse Esclarecimento não deve ser definido de forma demasiado estreita, pois ele abarca muito mais do que a dedução lógica e a verificação empírica: além desses aspectos, também inclui o desejo e a capacidade de especulação fenomenológica, de empatia e de exploração dos limites da *ratio*. Somente quando respeitamos o mandato do Esclarecimento, e ao mesmo tempo o ultrapassamos, alcançamos espiritualmente o terreno onde *la raison* não funcione apenas como mero raciocínio banal. Essa é a razão pela qual, tanto hoje quanto ontem, embora tome como ponto de partida acontecimentos concretos, neles não me perco. Utilizo-os como motivo para reflexões que vão além do *raisonnement* e do prazer de raciocinar, alcan-

---

<sup>6</sup> Albert Speer, arquiteto predileto de Hitler e ministro do Armamento no governo nazista. [N.T.]

çando regiões do pensamento sobre as quais paira certa penumbra, que não se dissipará por mais que eu persiga aquela luz que seria capaz de lhe conferir uma dimensão. Sobre isso, também aqui cabe insistir: Esclarecimento não é sinônimo de entendimento. Eu não havia entendido tudo quando redigi este livro, continuo não entendendo e espero nunca entendê-lo. Entendimento significaria igualmente concluir e concordar sobre fatos, que então poderiam ser registrados nas atas da História. É precisamente isso o que meu livro pretendia evitar. Nada está concluído, nenhum conflito foi superado, a memória comum não incorporou o que ocorreu. O que aconteceu, aconteceu. Mas não é fácil aceitar que *isso* tenha acontecido. Eu me rebelo: contra o meu passado, contra a história, contra um presente que permite que se esfrie o que é incompreensível, falsificando-o de modo escandaloso. Nada foi cicatrizado. O que talvez parecesse estar a caminho da cura em 1964 abriu-se novamente como ferida infectada. Emoções? Por que não? Onde está escrito que o Esclarecimento é despido de emoções? O contrário me parece verdadeiro.

O Esclarecimento só pode realizar sua tarefa quando age com paixão.



## Prefácio à primeira edição (1966)

Quando começou em Frankfurt o grande processo de Auschwitz,<sup>1</sup> em 1964, escrevi o primeiro ensaio sobre minhas experiências no Terceiro Reich, depois de vinte anos de silêncio. Na época, eu não pensei em uma continuação. Queria entender uma questão específica: a situação do intelectual em um campo de concentração. Porém, quando concluí esse trabalho, percebi que não poderia considerá-lo terminado. Auschwitz. Como havia chegado lá? O que aconteceu antes? O que aconteceu depois? Como me encontro hoje?

Não posso dizer que durante o tempo do silêncio eu tivesse esquecido, ou “recaído”, doze anos do destino alemão e do meu próprio destino. Durante duas décadas andei em busca desse tempo indelével, mas era muito difícil falar sobre ele. O ensaio sobre Auschwitz parece haver quebrado um misterioso encantamento: de repente, eu quis contar tudo. Assim nasceu este livro. Descobri que já havia refletido bastante sobre muitas questões, embora não as houvesse articulado de forma suficientemente clara. Somente no processo de escrita desvelou-se aquilo que eu já vislumbrara confusamente em uma meditação hesitante e semiconscente, nos limites da expressão verbal.

O método também se impôs rapidamente. Nas primeiras linhas do ensaio sobre Auschwitz eu acreditei que poderia manter uma atitude discreta e distanciada, enfrentando o leitor com uma digna objetividade, mas logo percebi que era impossível. Onde deveria evitar o “eu”, esse “eu” era o único ponto de partida útil. Havia planejado um trabalho que ficasse entre uma

---

<sup>1</sup> Mais de vinte anos após o término da Segunda Guerra Mundial começou, em dezembro de 1963, em Frankfurt, o chamado “julgamento de Auschwitz”, com 22 réus que haviam sido guardas nesse campo de extermínio. [N.T.]

reflexão e um ensaio, mas surgiu uma confissão pessoal, interrompida por meditações. Rapidamente também percebi como era inútil tentar complementar as muitas obras existentes sobre o meu tema, algumas delas extraordinárias. Entre confissão e meditação, acabei por investigar — ou, caso se prefira, descrever — a condição da vítima.

Foi um caminhar às escuras, lento e custoso, em um terreno muito bem conhecido, mas estranho. Por isso os ensaios não estão organizados aqui de acordo com a cronologia dos fatos, mas na sequência em que surgiram. Se o leitor quiser me acompanhar nesse caminho deverá seguir no mesmo ritmo com o qual, passo a passo, fui iluminando a escuridão. Ao fazê-lo, ele vai encontrar contradições nas quais eu mesmo me enredei. No ensaio sobre a tortura, por exemplo, eu não tinha clareza sobre o sentido que deveria atribuir ao conceito de dignidade, e por isso o deixei de lado, enquanto mais tarde, no ensaio sobre a minha condição de judeu, julguei reconhecer que a dignidade é o direito à vida, concedido pela sociedade. Da mesma maneira, enquanto escrevia sobre Auschwitz e a tortura, ainda não havia percebido claramente que minha situação não se encaixava plenamente no conceito de “vítima do nazismo”: somente quando cheguei ao fim e refleti sobre a imposição e a impossibilidade de ser judeu é que me encontrei na figura da vítima *judia*.

Nestas páginas, por mais insuficientes que sejam, mas cuja sinceridade eu garanto, fala-se muito em culpa e expiação, pois não pretendi poupar outras sensibilidades mais do que a minha. Apesar disso, acredito que este trabalho está além da culpa e da expiação. Nele se descreve como se violenta alguém, isso é tudo.

Não me dirijo neste livro aos meus companheiros de infortúnio. Eles já sabem. Cada um deles, ao seu modo, deve carregar o fardo da sua vivência. Ao contrário, é àquela maioria de alemães que crê que não lhe dizem respeito, ou não mais lhe dizem respeito, os atos tão terríveis quanto singulares do Terceiro

Reich, é a eles que eu gostaria de contar alguns fatos que talvez ainda não lhes tenham sido revelados. Finalmente, alimento a esperança de que este trabalho sirva a uma boa causa: ele se dirige a todos os que não querem ser indiferentes ao próximo.

*Jean Améry*  
Bruxelas, 1966